



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**LUIZ ROVINSKI II**

**(depoimento)**

**2003**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-32

**Entrevistado:** Luiz Rovinski

**Nascimento:** Não informado

**Local da entrevista:** ESEF/UFRGS

**Entrevistadores:** Luanda Dutra e Leila Mattos

**Data da entrevista:** 21/05/2003

**Transcrição:** Ana Maurmann

**Conferência Fidelidade:** Ana Maurmann

**Copidesque:** Marco de Carvalho

**Pesquisa:** Marco de Carvalho

**Fitas:** (01 fita) 32/01-A e 32/01-B

**Total de gravação:** 60 minutos

**Páginas Digitadas:** 23

**Catálogo:** Vera Maria Sperangio Rangel

**Número de registro:** 01955/2008/01

**Número de registro da fita:** 01955/2008/01

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

ROVINSKI, Luiz. *Luiz Rovinski II (depoimento, 2003)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2008.

## **Sumário**

Envolvimento com o ciclismo, com o remo; clubes de remo; competições nacionais, internacionais; nomes do esporte; gestão dos clubes; envolvimento com a Federação, requisição financeira para os clubes de remo; visibilidade na mídia, com o público; ascensão e declínio da modalidade; saúde física dos atletas.

Porto Alegre, 21 de maio de 2003. Entrevista com Luiz Rovinski a cargo das entrevistadoras Luanda Dutra e Leila Mattos para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.D. - Então estes três velódromos, onde estavam localizados?

L.R. - A União Velocipédica<sup>1</sup> estava localizada na esquina da Conceição com a atual Oswaldo Aranha<sup>2</sup>. Depois teve blitz<sup>3</sup> que foi, se eu não me engano, na Voluntários da Pátria<sup>4</sup>. A blitz estava localizada no Voluntários, no Navegantes. Exatamente na Voluntários da Pátria. E teve mais um terceiro velódromo que se localizou no miolo do Hipódromo Moinhos de Vento<sup>5</sup>. Ali onde, antigamente, tinha o hipódromo. Então isto é um histórico, um pequeno histórico e alguma curiosidade também. E tem um dos campeões tanto da velocipédica como da blitz. Foi o capitão João Alves e foi campeão em 1898 e 1901. Eu, quando comecei a competir em 1938, numa corrida que eu competi, ele era largador. Conhecia o João Alves. Por sorte, eu fui o vencedor da prova também.

L.D. - Eu tenho uma colega nossa que está fazendo trabalho sobre ciclismo, em Porto Alegre<sup>6</sup>.

L.R. - É, como eu fui ciclista também e no meu álbum de... Náuticas têm essa... Consta esse histórico, eu achei interessante passar.

---

<sup>1</sup> União Velocipédica de Amadores, fundada em 06 de março de 1895. Sociedade fundada com o intuito de promover a prática do ciclismo de competição, esporte muito popular na Porto Alegre da época. Logo surgiu uma rivalidade entre a UV e a Rahfahrer Verein Blitz, uma associação criada por alemães. O palco dos duelos era o Velódromo da Redenção.

<sup>2</sup> Ruas da cidade de Porto Alegre

<sup>3</sup> Velódromo da Rahfahrer Verein Blitz (Sociedade Ciclística Blitz), localizada na Rua Voluntários da Pátria. Terreno cedido gratuitamente pelo Dr. Luiz Englert

<sup>4</sup> Rua do Centro de Porto Alegre

<sup>5</sup> Associação esportiva: Prado (Hipódromo) Independência, também chamado de Hipódromo Moinhos de Vento. Localizava-se na Rua 24 de Outubro (atual Parque Moinhos de Vento "Parcão"). Em 21/11/1959 foi transferido para as instalações construídas no Bairro Cristal e passou a ser chamado de Jockey Club do Rio Grande do Sul (Hipódromo do Cristal)

<sup>6</sup> Capital do Estado do Rio Grande do Sul

L.D. - Seu Luiz, vamos lembrar um pouco lá da parte do remo. O que eu queria saber do senhor, se o remo era um esporte muito forte. Nas décadas que o senhor... Acha que o remo era forte?

L.R. - Mais forte aqui no Rio Grande do Sul?

L.D. - É, aqui no Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

L.R. - Olha, no meu entender, ele começou nos anos 1930. Evoluiu tanto que, nós temos guarnições... Foram campeões, além de gaúchos, sul-americanos e, em 1936 teve a Olimpíada que o Brasil foi representado por oito remadores daqui, na guarnição mista. GPA<sup>7</sup>, Barroso<sup>8</sup> e o único remador que eu destaquei do Tamandaré<sup>9</sup>, foi melhor que eu. Me lembro... Naquela época eu não remava. Foi em 1935. Ele foi campeão sul-americano, o Fritz Richter. Está morando ali. E esse Fritz Richter, também foi para as Olimpíadas de 1936 em Berlim<sup>10</sup>.

L.D. - Em Berlim?

L.R. - Em Berlim, quer dizer, ali começou. Agora, começou forte mesmo no anos 1940. Nos anos 1940 que se destacou assim, de sobremaneira, o clube de regatas Almirante Barroso. Você pode ver pela quantidade de remadores que tem ali, não é. Em 1930 uma guarnição do Barroso... Em 1936 foi campeão brasileiro e depois, em 1940, também houve campeões sul-americanos e é como eu anoto ali não é. Então, pra mim, o forte ele começou em 1930, anos 1930 e o forte mesmo, se situou em 1940 e em 1950 ainda, pegou um, uma carona nos anos 40 também e depois, de lá pra cá, caiu muito.

L.D. - E por que o senhor acha que caiu muito?

---

<sup>7</sup> Club de Regatas Guaíba-Porto Alegre - Em 28 de novembro de 1936, o Club de Regatas Porto Alegre (antigo Ruder-Club Porto Alegre) fundiu-se com o Club de Regatas Guaíba (antigo Ruder-Verein Germania), resultando o Club de Regatas Guaíba-Porto Alegre, o GPA. Manteve-se como data de fundação a do Ruder-Club Porto Alegre (21 de novembro de 1888) razão pela qual o GPA é considerado o clube de remo mais antigo do Brasil.

<sup>8</sup> Clube de Regatas Almirante Barroso. Fundado em 26 de fevereiro de 1905 a partir de uma dissidência de associados do Ruder-Club Germania que foi fundado em 29 de outubro de 1892.

<sup>9</sup> Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, fundado em 18 de janeiro de 1903.

<sup>10</sup> Capital da Alemanha

L.R. - O remo? Primeiro lugar é que é um esporte caro. Um barco hoje, pra ter uma idéia, um skiff, hoje, custa na base de seis mil, sete mil um skiff. Em 1972 quando houve a Olimpíada de Munique, eu estive presente lá e, em 1971... Não lembro do MEC<sup>11</sup>. O MEC ofereceu a Federação, Grêmio Gaúcho<sup>12</sup> uma frota completa de barcos. Só pra ti ter uma idéia de preço, vou dizer e eu meio que eu assim é... Eu meio que estive... Em 1971 foi feito o pedido e em 1972 os barcos chegaram aqui.

L.D. - Sim, as fotos.

L.R. - Tanto que aqui tem até nas fotos que vocês tem aí com a chegada dos barcos não é. E a naquela ocasião, 1971, a frota nos custou mais ou menos em dólares assim seis... Eu não me lembro bem agora. Mais de seis mil dólares naquela época não é. Bom, depois já em 1960 e 1970 e 1974 para 1975, quando eu termino minha segunda gestão na Federação, eu encomendei barcos que eu ainda tinha dinheiro sobrando. Vocês devem ter visto ali na Memória.

L.D. - Nas fotos.

L.R. - Vocês levaram a memória. Aqueles, vocês ficam lá, não precisa trazer mais... Mas naquela ocasião estava sobrando dinheiro. Eu não quis passar para outra diretoria todo dinheiro. Eu comprei meia dúzia de barcos e distribuímos para os clubes daqui. Naquela ocasião, em 1972, o “skiff” já custava a três mil, três milhões não é? Já não era tão barato. Hoje um skiff custa seis, sete mil reais.

L.D. - Mas quando começou o remo a gente importava barcos da Alemanha?

L.R. - Esse barco foi doado pela Alemanha pro Barroso. Depois, se não me engano, em 1970 mais ou menos. Não. Antes dos anos 1940. Foi importada uma frota completa na Argentina. E quando o governo... O Ernesto Dornelles foi interventor do Estado. Aí doou, pra cada clube, um “gig”. Aqueles barcos. Não é barco olímpico. Barco mais principiante e do início não é. Isso e o resto dos clubes iam comprando. Mas doação mesmo não houve

---

<sup>11</sup> Ministério da Educação e Cultura.

<sup>12</sup> Grêmio Náutico Gaúcho, fundado em 1928.

muito não. Depois, nos anos 1970, mais ou menos, a CBD<sup>13</sup> doou alguns barcos, não só pra os daqui do Estado, como pra outros estados também. Mas assim, se for medir a quantidade de barcos doados, foi muito, muito pouco.

L.D. - Então o remo não era um esporte caro, ele se tornou mais tarde caro.

L.R. - É. Ele hoje é um esporte muito caro e, vamos dizer, dos anos 1960 para cá, só quem tem condições vantajosas aqui no Estado é o União, Grêmio Náutico União<sup>14</sup>. O pessoal compra barcos de fibra, de material de fibra... Só um momento. Vou lembrar... O União é um clube que tem condições financeiras para isso. Agora outro clube, os outros clubes daqui, pra manter, fazer um barco, é uma tortura. Não tem condições. O Barroso vai conseguiu fazer dois barcos agora a pouco tempo também. Fibra de carvão. Como é que se chama?

L.D. - Fibra de carbono?

L.R. - Carbono é esse. É hoje mais caro. Eu o que se faz... Sou assim, um pouco afastado do meu clube. Eu ainda freqüento.

L.D. - E em 1940 como é que os remadores como é que os clubes adquiriam os barcos?

L.R. - Quando eu comecei a remar em 1940, que eu já falei que eu entrei. Comecei em 25 de dezembro de 1940. O clube já tinha barcos. Tinha um barco doado pela Alemanha de oito que eu me lembro. E os outros barcos eu não tenho certeza absoluta como é que foi conseguido, porque alguns eram feitos no Brasil. E os barcos olímpicos não posso afirmar com certeza se foram feitos aqui. Sei que muitos barcos vieram da Argentina. Acho que vou ficar devendo essa parte, porque em 1940, eu não conheço essa história... Dos barcos mesmo eu não conheço muito. Mas naquela época se tornava um pouco mais fácil e paradoxal. Parece que quem mais participava do remo naquela época era a classe economicamente baixa, operários. Não era hoje. Hoje tem clubes que pagam não é.

---

<sup>13</sup> Confederação Brasileira dos Desportos.

<sup>14</sup> Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

Naquele tempo, eu remei 11 anos no Barroso. Nunca ganhei um copo de leite do meu clube ganhando uma regata importante. Eu estava devendo três meses de mensalidade.

L.D. - Mensalidade.

L.R. – Mensalidade. Tinha que pagar mensalidade. Tinha que comprar camiseta. Tinha que comprar o fardamento todo. Não se dava nada. Eu estava atrasado três meses na mensalidade e o presidente do clube naquela ocasião, o Saturnino Vanzelotti, brincava comigo. Eu digo “Saturnino, eu tenho direito a um diploma. Eu fui laureado”. Aí ele chamou o cobrador. Ele sabe que eu sou Israelita. Me chamava de “judeuzinho”. “O judeuzinho pagou a mensalidade aí?”. “Não. Está com três meses atrasado”. “Se ele não pagar a mensalidade ele não...”.

L.D. - Não tem diploma [riso].

L.R. - Não tem diploma. [riso]. Era assim. Hoje, quanto mais ganha dinheiro... O que tem categoria não digo, não sendo, fora do União. O União é o único clube que... Porque ninguém tem condições. O União paga, que eu saiba. Ele colabora com... Não é mais tão amador como era antigamente. E mesmo, na minha opinião, eu acho que esporte nenhum hoje deve ser amador, com tratamento de amador, porque tudo o que vai se comprar para manter o esporte custa dinheiro. Os clubes... A maioria não tem dinheiro assim. As pessoas que praticam. Então, se não houver um patrocínio...

L.D. - Não tem como manter o esporte.

L.R. - Não tem como manter. Não se sustenta financeiramente. Eu, por exemplo. No tempo que eu remava, eu abominava muito esse profissionalismo. O Flamengo<sup>15</sup> pagava e pagava e o remador que aparecia bom aqui, Santa Catarina<sup>16</sup> ia direto para lá.

L.D. - Para o Rio de Janeiro<sup>17</sup>?

---

<sup>15</sup> Club de Regatas Flamengo, fundado em 1895

<sup>16</sup> Estado Brasileiro

L.R. – É. Eles davam pros remadores aqui do Barroso, por exemplo, que topavam [palavra inaudível]. Iam para lá e entravam para a faculdade Gama Filho<sup>18</sup> sem vestibular, sem nada. É, se forma... Muitos ficaram bem lá. Aqui nós tínhamos Brum Menezes<sup>19</sup> que depois foi diretor dos esportes aquáticos da CBD. Conseguiu inclusive, mas saiu daqui. Mas aqui eu não sei o que ele era. Mas não era nada de especial. Lá ele chegou a ser...

L.D. - Quem era ele?

L.R. - Presidente da Federação do Rio Doce<sup>20</sup> tudo trazido pelo...

L.D. - Pelo remo. E aí?

L.R. – Esse, que foi presidente do Comitê Olímpico Brasileiro. Tem até a fotografia dele aqui o Blishé, Gustavo Blishé<sup>21</sup>. Quando ele pegou a faculdade da Gama Filho, seguiu no filho, se formou advogado e chegou ao ponto de ser presidente do Comitê Olímpico Brasileiro.

L.D. - Todos eram remadores e foram para lá?

L.R. - Eram remadores e tem muitos outros que davam outras coisas, outras vantagens lá. Houve aqui, por exemplo, me deixa só mostrar uma parte, não é só remo, mas também não é normal. Na Olimpíada na Itália, 1960, uma guarnição nossa correu o sul-americano na raia de Melilla no Uruguai. Trouxe até um presente. Ela ganhou, o [palavra inaudível]. E foi desclassificada porque entrou fora da raia. Veja que absurdo. Pra entrar fora da raia tem que remar numa raia mais do que outros. E foi desclassificada por mais de quatro votos. E naquela época era [palavra inaudível]. O Waggi<sup>22</sup> foi bi-campeão sul-americano de esqui na Argentina. Ele então propôs pra essa guarnição... Ele era técnico do União a qual pertencia essa guarnição que foi desclassificada. Bom, agora foi... O Waggi então propôs a

---

<sup>17</sup> Estado Brasileiro

<sup>18</sup> Universidade Gama Filho (UGF)

<sup>19</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>20</sup> Companhia Vale do Rio Doce, fundada em 1º de junho de 1942 pelo Governo Federal e privatizada em 7 de maio de 1997

<sup>21</sup> André Gustavo Richer

<sup>22</sup> Nome sujeito a confirmação.

esses remadores que... O Waggi ia mudar pro Vasco da Gama<sup>23</sup>. “Se vocês forem pro Vasco comigo, vocês tem a ida garantida pras Olimpíadas”. Então ele saiu do União. Foi lá para o Vasco da Gama. Daqui correram as Olimpíadas e daqueles quatro, três ficaram lá. O único que voltou pra cá foi o Todesco<sup>24</sup>. Esse voltou. Os outros ficaram lá. Inclusive um deles ganhou a concessão e todo o material para ter aqueles pedalinhos na Lagoa Rodrigo de Freitas. Deram pra ele ficar lá. Esses clubes tinham condições. Agora, o remo acho que caiu, ou como tu disse, havia perguntado, argumentado. Porque só tem um clube que tem condições. Os outros não tem condições. E isso é muito ruim, porque o nível cada vez fica mais forte e esses remadores de outros clubes, uma grande parte vão pro União, quando são bons.

L.D. - Acaba enfraquecendo os outros clubes.

L.R. - Enfraquece mais os outros ainda. Isso assim. Até a ilha aquela do Barroso o União agora comprou, em leilão. O Barroso estava... Ele afundou, só ficou agora... Ele está indo bem, razoavelmente bem, no Parque Náutico. Não sei se vocês viram lá?

L.D. - Já fomos uma vez lá.

L.R. - Aquelas garagens de motonáutica foram... Na minha gestão que foi feito. Tem dezoito, vinte e três garagens.

L.D. - A atividade do remo por si só não se sustenta então? Se for exclusivamente de remo?

L.R. - Quando eu assumi o Barroso, o Barroso estava bastante ruim. É ruim falar assim do que a gente fez. Mas, é que isso aí tem que falar, porque o Barroso tinha caído muito. Tanto que lá no Parque Náutico lá... Fazia quatro meses que estava desligada a luz, telefone e água, porque não tinha dinheiro. Aí eu achei que, com a construção do cais de motonáutica, trazendo os motonautas, porque geralmente são pessoas de posses, mas só que numa coisa eu me enganei. Eles realmente, eles vieram. Foi feito o box com dinheiro

---

<sup>23</sup> Clube de Regatas Vasco da Gama, fundado em 28 de janeiro de 1917.

<sup>24</sup> Francisco Todesco

deles [palavra inaudível] e, mas só que eles não participavam do clube. Traziam o barco pra garagem, saíam, iam dar a volta deles, botavam o barco ali e iam embora, não... Eu achava que eles, o clube ia ter vantagem na parte da direção. Não teve vantagem porque o clube hoje se mantém com isso. A manutenção que eles pagam pelas garagens e com isso eles são obrigados a serem sócios também. É mais ou menos isso que eu...

L.D. - Seu Luiz Rovinski porque o senhor começou a remar, porque o interesse pelo remo?

L.R. - Bom. Eu desde menino gostava de esporte e eu consegui comprar uma bicicleta. Comecei com bicicleta, com ciclismo. Sempre quis ter uma bicicleta. Infelizmente a minha mãe ficou viúva muito cedo e pobre e ela não podia me dar uma bicicleta.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

L.R. - E não era fácil a gente começar no esporte. Então, eu gostava muito de bicicleta e eu... Desde guri eu trabalhei. Era entregador de leite da [palavra inaudível]. Com aquele dinheiro eu comprei uma bicicleta e comecei a me juntar com os guris que faziam reunião na São Pedro com a Benjamin<sup>25</sup> e depois troquei, que aquela era uma bicicleta de passeio. Troquei por uma de corrida e comecei a treinar e eu senti que estava me saindo mais ou menos bem e gostava e acompanhava muito pelo jornal. O remo é uma que a gente não sabe como é que surgiu, não é. Então nós fazíamos nossos treinos de bicicleta e, quando voltava, ia [palavra inaudível]. Eu sempre gostei muito. Isso foi... Eu comecei em 1938 com o ciclismo. Então em 1940 eu fui convidado por um conhecido e comecei a praticar o remo no Barroso. Coloquei o pé no barco a primeira vez no dia 25 de dezembro de 1940.

L.D. - E aí se apaixonou pelo remo?

L.R. - Aí gostei. Daí o Reveillon [palavra inaudível], competindo sempre e não larguei o ciclismo totalmente, porque tinha dias que eu remava de manhã e depois de tarde eu ia correr de bicicleta. Eu [palavra inaudível] duas provas. Perdi as duas provas. Eu gostava muito de ganhar uma medalhinha. Perdi as duas provas e de tarde tinha a Porto Alegre-Novo Hamburgo, daí eu ganhei a minha medalhinha.

L.D. - Legal.

L.R. - E assim eu fazia [palavra inaudível] corria de manhã de bicicleta e de tarde. Remava de manhã e de tarde corria, ciclismo...

L.D. - O senhor me disse que tinha folha, o remo ocupava folhas no jornal, primeira capa assim.

L.R. - Tenho tudo aí. Está atrás da senhora aí! [silêncio]

L.D. - Luiz, por que tu acha que o remo perdeu espaço assim. Ele era primeira página. Depois ali com o tempo ele não, já...

L.R. - Eu não sei se era, porque o Túlio de Rose é um fanático do esporte, principalmente de remo não é. E ele era repórter do correio<sup>26</sup>. Tanto que, nas Olimpíadas de Berlim, ele fez parte da Delegação e enquanto ele foi repórter do correio e depois da Folha da Tarde, saía notícia, né. Agora, depois que ele parou...

L.D. - Parou.

L.R. - Quando se fala em esporte, é futebol. Então, só para ter uma idéia como o remo era vislumbrado. [ouve-se barulho de avião]

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

L.R. - O Barbosinha<sup>27</sup>... Era época do remo e o clube dele, que era o Barroso, ganhava quase tudo também, não é. Então você pode ver por aqui [mostra álbum de fotos]. Aqui é... As senhoras estão vendo... Está aqui no GPA. Aqui é Barroso. Esse é o Barbosinha. Então ele... As melhores regatas, ele foi guardando. O que tem mais pra ver aqui...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

---

<sup>25</sup> Ruas da cidade de Porto Alegre

<sup>26</sup> Correio do Povo, jornal de Porto Alegre

L.D. - Essas pessoas que iam ver as regatas eram muitas? Quem é que ia assistir assim as regatas...

L.R. - Ia muita gente assistir as regatas.

L.D. - Gente rica?

L.R. - De tudo.

L.D. - De tudo.

L.R. - De tudo... Aqui essa guarnição aqui era...

L.D. - Mas a maioria dos praticantes eram pessoas que não tinham posses, quem remava...

L.R. - A maioria já vou lhe dizer. Aqui é o Engole Vidro<sup>28</sup> [mostra álbum de recortes de jornais]. Ele era pedreiro. Esse era comerciário. O Arno Franzen trabalhava num posto de gasolina. Esse aqui trabalhava em estaleiro. Eram tudo operário. Aqui eu já comecei a compor. Em 1941 ganhamos depois da prova aí...

L.D. - Seu Luís, o senhor pode dizer... O senhor acha que quem remava tinha alguma aspiração de ascender?

L.R. - Na vida?

L.D. - Subir na vida através do remo. Por que o senhor citou vários nomes que foram para o Rio de Janeiro e...

L.R. - Foram. Alguns que se destacaram... Chegou a ser diretor da Fundação do Vale do Rio Doce, Elô Menezes, esse remador do União. Vários outros que ascenderam mesmo,

---

<sup>27</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>28</sup> Carlos Chiapetti

não é. Foram lá em cima. Agora se a intenção era essa... Eu remava porque gostava de remar.

L.D. - Não tinha essa aspiração.

L.R. - Não tinha. Talvez se eu tivesse me destacado mais, quem sabe... [silêncio]

L.D. - Então as regatas eram um espetáculo assim...

L.R. - Tinha regatas femininas nessa época.

L.D. - Regata feminina?

L.R. - Regata. Clube de Regata do Rio Grande<sup>29</sup>, do interior.

L.D. - Interior. Aqui em Porto Alegre não tinha também?

L.R. - Tinha também, mas não estou vendo fotografia aqui. Aquela lá de Santos...

L.D. - Essa... Não diz o nome tentando olhar mais ou menos?

L.R. - Acho que não diz não.

L.D. - E o ano também não diz?

L.R. - É.

L.D. - Então, todos os clubes tinham mulheres que competiam?

L.R. - Aqui era pouco. Mas hoje o remo tem até... Parece que tem mais...

L.D. - Tem mais feminino?

L.R. - São poucas, mas tem. Acho que até mais. Olha a Marisa<sup>30</sup> aqui 1951. Depois ainda pega os anos 1940.

L.D. - Quando o remo foi destaque em Jornal, Túlio De Rose estava dentro da Imprensa assim...

L.R. - E principalmente quando ele estava...

[FINAL DA FITA 32/01-A]

L.D. - Eu posso fazer mais perguntas? Por que, na sua opinião, o remo atraía tantas pessoas tanto para prática do esporte e pra assistirem. Por que juntava tanta gente para assistir as regatas? Tinha tanta gente querendo remar?

L.R. - Bom, eu... Na minha opinião, o remo era um dos poucos esportes que o público podia assistir, podia ficar. O rio vinha até a Voluntários da Pátria, quer dizer, na minha opinião não é. Era fácil de assistir. Então, quando tinha movimento, mesmo àqueles que não eram do remo iam ver o que estava havendo. Mas a maioria que do... Eu acho que começaram a gostar e daí em vez... Eu só ia assistir, eu comecei a remar não é. Bom, isso com relação aos assistentes e com relação ao atleta, eu acho que o remo naquela época, ao atleta, era um dos esportes que davam mais condições da pessoa praticar, porque tinha a... Bom, primeiro que a gente pagava mensalidade mesmo. Mas, os que ficavam mais craques, já não pagavam. Eu também depois não paguei mais.

L.D. - Então qual era a recompensa assim para os atletas?

L.R. - Eu acho que o esporte atraía um pouco. Ele era um esporte difícil. Era difícil, a não ser quando surgia um “cração” de esqui, por exemplo. No caso do Schultz<sup>31</sup>, uma época que foi campeão brasileiro e outros, mais aí que remavam sozinho, as dificuldades eram essas. Não ganhava nada operário que morava numa vila. Pra vim remar, pagava do bolso dele e essa era a Segunda dificuldade. Tinha que remar em quatro e de vez em quando

---

<sup>29</sup> Clube de Regatas Rio Grande, fundado em 22 de agosto de 1897.

<sup>30</sup> Nome sujeito a confirmação

faltava um. Quer dizer, a pessoa, às vezes, ou não remava ou era obrigado com uma dupla dessas, mesma coisa assim... Substituído. Nunca era a mesma coisa

L.D. - Qual era a recompensa então pra quem queria praticar o remo?

L.R. - Depois que começava a pessoa começava a gostar.

L.D. - Se apaixonava.

L.R. - Se apaixonava. Mas é um esporte bastante difícil. Porque tem que sujeitar a horários, e hoje principalmente, por exemplo, quem vai remar no União, a não ser aqueles craques que tem a recompensa... Muitos que moram lá mesmo, os que não moram tem aonde atravessar o rio. E isso é o menos mal porque tem todas facilidades. Tem a barca, tem tudo, tem até dormitório. Agora aqueles outros clubes do Parque Náutico<sup>32</sup> não tem nada disso. Não tem linha de ônibus pra lá.

L.D. - Ainda não tem?

L.R. - Não tem não. No tempo que eu era vice-presidente da federação, era presidente o Dr. Margareth<sup>33</sup>. Conversaram... Ele tentou... Passar uma lotação, mas como é muito pouco movimento... Era, pelo menos naquela época. Então, nunca teve e até hoje não tem.

L.D. - O senhor acha que com a construção do Parque Náutico, porque antes as regatas eram praticamente no centro de Porto Alegre, ali na Voluntários da Pátria. Então quem dava as... Passando paravam ali...

L.R. - Sim, a chegada era na quase na frente do GPA onde tem a hidráulica. Sabe onde tem a hidráulica esquina com a Cância Gomes<sup>34</sup>? A chegada era ali. Trapiche preto chamava.

---

<sup>31</sup> Heinz Emil Schultz

<sup>32</sup> Parque Náutico Alberto Bins, localizado no Bairro Navegantes, em Porto Alegre

<sup>33</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>34</sup> Rua do Centro de Porto Alegre

L.D. - E depois, com a construção do Parque Náutico, ficou lá no Navegantes, quer dizer, afastou das pessoas...

L.R. - Quer dizer, eu acho que, por estar mais no centro, é que tinha mais gente.

L.D. - O que era o...

L.R. - Mas assim, mesmo quando veio o Parque Náutico, também ia bastante gente. Tinha regatas boas lá. Entrando... Quando fui presidente da Federação fizemos a dos... Nos quatro anos que fiquei lá fizemos quatro regatas internacionais e...

L.D. - Lotava.

L.R. - Mas também trouxemos remadores da Polônia, Itália, Estados Unidos, vieram quatro vezes remar aqui. Um dos remadores era até médico de lá... Itália veio duas vezes. Quatro vezes vieram os Estados Unidos, uma veio da Polônia. Uma vez o México e fora da América do Sul toda, mas, a... Eu sempre digo isso pro meus colegas de remo lá. Eu tive sorte. A gente tem que ter sorte até nas memórias. Como é que eu ia dizer... Tem que ter sorte ou capacidade aí... Vai ver que eu tinha um pouquinho de cada coisa e aí, eu sabia fazer isso e eu conseguia dinheiro também do MEC. Tinha quase sempre. Sempre não... Confederação de Remo...

L.D. - Federação...

L.R. - A gente fica vendo, as coisas começam a desaparecer. Eu conseguia sempre dinheiro com a CBD, com o MEC. E a gente alojava... Às vezes conseguia no União, às vezes conseguia até na SOGIPA<sup>35</sup>. Mas alojava muito em hotéis, também havia... Até tenho que procurar aqui pra me lembrar... Fazia churrasco no União. O churrasco não era a gente que fazia, era a Federação que fazia.

L.D. - Que ano o senhor foi presidente pra gente ter uma idéia.

---

<sup>35</sup> Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

L.R. - Foi de 1971 a 1975. Fui eleito, fui reeleito em setenta e... Vê se me lembro e, nesses quatro anos, deu pra fazer muita coisa, até porque... Até a carreta de transporte de barcos ali, até o Rio, fomos até Buenos Aires<sup>36</sup> com ela. Foi a primeira carreta construída no Brasil para transporte de...

L.D. - Barcos.

L.R. - De barcos de remo. Por que com o remo era uma coisa horrível. Foi dezesseis anos de Federação na verdade antes de ser presidente. Tu tinhas que atacar caminhões. A Brahma<sup>37</sup> carregavam em cima e outras vezes, umas duas ou três vezes, de ônibus e o ônibus das férias concordava. Que o caminhão que fazia, colocava os remos e os barcos tudo em cima. Então, depois que fizeram a carreta, aí não tinham mais. Aí era só contratar uma caminhoneta. Depois quando eu saí da... Terminou meu prazo na federação, aí eu comprei uma caminhoneta. O presidente ficou em cima de mim. “Precisa de caminhoneta para puxar a carreta”. Só que depois não sei porque, porque cargas d’água, os seguintes não quiseram tirar a carreta. Apodreceu, venderam pra ferro velho e... Fizemos a primeira carreta do Brasil hoje todo o Brasil tem menos nós.

L.D. - Absurdo isso.

L.R. - Absurdo.

L.D. - Luíz como o senhor via a Federação entre esses períodos que o senhor ficou envolvido com o remo. Como é que o senhor via a atuação da Federação? Era forte, era...

L.R. - Bom, eu comecei na Federação quando o Túlio de Rose ainda era presidente. Mas sim, o Túlio tinha muito ascendência na Confederação Brasileira. Havelange<sup>38</sup> era muito amigo dele. Tanto que uma vez fomos num brasileiro, numa reunião lá que eles fizeram, que o Túlio tava reclamando de umas coisas lá. E o Havelange disse pro Richer que, tava dirigindo a reunião, e depois disse pro Richer que não contraria o Túlio. “Tudo o que o Túlio disser, tu aceita”, porque o Túlio era uma cara muito legal, muito correto não é. E eu

---

<sup>36</sup> Capital Argentina

<sup>37</sup> Empresa no mercado brasileiro de bens de consumo, segmento de bebidas.

sempre fui tesoureiro dele. Naquela época, a gente realmente... Não havia dinheiro. Porque eu digo sempre isto, sorte e habilidade. A sorte eu tive e a habilidade fui conseguindo pela vida. O Túlio não. Sempre foi jornalista. Não mexia com dinheiro, tanto que, quando nós viajávamos pra campeonatos, ele dizia: “Rovinski não me mete no dinheiro. Tudo o que for com dinheiro é contigo”. Ele não queria...

L.D. - Ele não queria nem pensar.

L.R. – É, ele não queria pensar. Tá desligado... Mas ele sempre conseguia. Bom, ele conseguia dinheiro lá na CBD. A CBD pagava viagem pra gente, pagava hotel, pagava tudo não é. Naquele tempo tinha dinheiro. O MEC dava dinheiro. A loteria esportiva dava dinheiro pra todos os esportes. Só que um dia eu fui... Confederação... O Brigadeiro Jerônimo Bastos era o presidente, representava o MEC. E com ele que tu conseguia dinheiro. O que estávamos falando?

L.M. - O MEC. É que o senhor ia até lá pra conseguir o dinheiro.

L.R. - Escapou. Bom...

L.D. - O dinheiro vinha como para vocês?

L.R. - O que eu ia falar é assim. Quando eu fui presidente da Federação, eu conseguia dinheiro com ele, tanto que eles tinham conseguido com ele, o presidente anterior... Antes de mim houve uma eleição, ganhou o Carlos Hoffmeister Filho<sup>39</sup>. Eu ganhei a eleição, mas o Brigadeiro já tinha oferecido a frota pra Federação. Só que, não sei porque, não veio frota nenhuma. Foi em 1971 isso e eu fui eleito em novembro de 1971. E aí eu comecei a mexer com os pauzinhos e em 1972 os barcos estavam aqui.

L.D. - E como é que vinha o dinheiro pra cá antes na década de 1940, para Federação?

L.R. - Antes de 1940?

---

<sup>38</sup> Jean-Marie Faustin Goedefroid de Havelange (João Havelange)

<sup>39</sup> Carlos Bento Hoffmeister Filho

L.D. - Não dentro da década de 1940.

L.R. - Para cá?

L.D. - Como é que o governo...

L.R. - Dependia muito do comércio. O brasileiro, a CBD pagava a despesa lá. Pagava. Como a gente ia até lá, não era nada com eles, mas eles davam hotel, tudo. Davam refeição. Como é que se conseguia dinheiro aqui. Quando o Barroso tinha sócios, chamava sócios, acho que vivia um pouco da mensalidade. E outro pouco de doações daqui, na prefeitura, na...

L.D. - Negócio é pedir não é seu Luís?

L.R. – Tinha o Dipp<sup>40</sup> aqui que foi presidente da Câmara, vereador da Câmara, cansou de nos receber lá. Ele foi... Ele é secretário de vários prefeitos também, João Dipp. E a gente conseguia dinheiro assim, com departamento estadual de esportes, pelo menos na minha gestão, eu conseguia então é... Eu acho quem teve mais sorte em arrumar dinheiro foi, sem falsa modéstia, fui eu.

L.D. - O senhor tinha sorte hein seu Luiz Rovinski!

L.R. - Foi sorte, tanto que quando eu cito aí nas memórias. Quando eu entreguei a outro presidente, eu acredito que, no Brasil, federação nenhuma tinha tanto dinheiro quanto nós tínhamos. Tínhamos, naquela época, cento e vinte milhões. Cento e vinte milhões de cruzeiros. Para a senhora ter uma idéia de quanto era ter cento e vinte milhões de cruzeiros, pra gente não deixar todo dinheiro para o outro a... Comprou-se a carreta. A caminhoneta custou quase dezessete milhões. Mandei fazer seis 'skiffs'. Custava três milhões cada 'skiff'. Pra ver como cento e vinte milhões era muito dinheiro. Assim mesmo, ficou o que nós fizemos por nossa conta, tudo. E ainda sobrou... Ficou uns quarenta milhões pro outro e depois disso... Não sei o que é se... Vamos dizer, que eu nunca tive sorte em jogo, mas nessa coisa eu tive sorte.

L.M. - Teve sorte.

L.R. – Sorte, porque eu tive de atividades... Uma das passagens quando eu ia lá nessa... Como é que eu já fui esquecer, meu Deus do céu... Bom, quando o Brigadeiro Jerônimo era presidente, ele era desse tamanho, meio ‘atrevidinho’ até. E eu... Mais olha, eu sempre tratava com ele e, quando eu entrava na porta do gabinete dele... Uma das vezes, eu me lembro, me chamava de alemão: “O que tu veio fazer agora alemão? O que tu queres comigo? Vou te mandar prender hein”. Eu disse: “Pode mandar me prender. Me bota numa cadeia bem limpinha, com uma geladeira, televisão [risos] e mais outras coisas”. E trazia dinheiro, dinheiro [risos].

L.M. - Não saía de lá sem.

L.R. – Tinha, até esses dias, uma regata que teve aqui no Gasômetro<sup>41</sup>.

L.M. - Usina?

L.R. – Gasômetro.

L.M. - Sim.

L.R. - Teve um dos remadores que sempre me acompanhou nas regatas no brasileiro, no sul-americano em Buenos Aires e ele contando essa parte pra outro lá, o Licht, não! O Licht, quando ia lá, contou essa passagem do tempo do presidente etc. Mas eu consegui uma lancha pro União que eles tornaram lancha Darcy Vignoli, porque eles pediram. Consegui uma lancha para o União, uma lancha pra Federação e outra para os clubes também. E encaminhei também o caminho que o GPA teve que fazer pra pegar dinheiro para construir a sede que eles têm hoje. Não tinha sede. E eles conseguiram dinheiro do Mário Rigatto. Era muito conhecido e encaminhou lá em Brasília<sup>42</sup> e veio dinheiro. Era cem milhões naquela época. Trazia dinheiro. Vocês viram como cento e vinte milhões era

---

<sup>40</sup> João Dipp

<sup>41</sup> Usina do Gasômetro.

<sup>42</sup> Cidade Brasileira

dinheiro? Eles conseguiram cem milhões pra construir a sede. Não sei se deu pra terminar tudo, mas pra iniciar, mas até onde ela está.

L.D. - Senhor Luiz Rovinski, o senhor se envolveu como remo com que objetivo assim. O senhor queria competir o União. Por que o senhor queria conhecer o esporte? Qual o atrativo?

L.R. - Olha eu...

L.D. - O senhor já competia?

L.R. - Eu competia com o ciclismo em 1938 e em 1940 que eu comecei com o remo. Mas eu sempre gostei de esportes assim. Eu sempre gostei. Acompanhava pelo jornal e tudo. Rádio. Eu estava fazendo ciclismo. Eu entrei em 1940. Eu sabia que tinha uma competição em Buenos Aires e era prova de seis dias. “Luna Park” eu ia assim reuniu um grupo lá e eu vi o último dia da regata. É, eu vi. Tem gente que gosta de jogo, tem gente que gosta de... Tem gente na família que gosta de jogo e eu não...

L.D. - O senhor era dos esportes.

L.R. - Fui presidente da Associação dos Amigos da Benjamin Constant. Nós fazíamos um dos melhores carnavais aqui em Porto Alegre. Tinha o curso. Naquela época não tinha sambódromo. Eram caminhões, caminhonetes, até carroça. E eu tinha uma loja. Minha mãe tinha loja na frente, na Benjamin e eu era presidente das Associações. Mas, quando era 21:00 da noite, eu dormia, porque, no dia seguinte, eu tinha que remar. Então, essas coisas assim, foi me levando, fui gostando. Nunca fumei. O meu irmão que, é mais moço do que eu, teve um ataque cardíaco um dia e eu não fumava. Ele tinha um tipo de vida e eu outra.

L.D. - Essa questão da saúde sempre teve ligada assim na prática de esporte?

L.R. - Teve. Pra mim, sim.

L.D. - E era só pro senhor ou os outros remadores também tinham essa questão assim. O remador não fumava, não bebia ou não tinham mais cuidado com a saúde por que...

L.R. - Não. Não. A maioria os remadores se cuidavam, não é. Fumar não podia. Só que eu não me lembro de um remador que chegou nos oitenta anos. Pode ter, mais eu não me lembro. O 'Engole Vidro' que era um homem muito forte. Ganhou uma Olimpíada. Não bebia. Mas fumar, eu nunca fumei. Eu ultrapassei a barreira dos oitenta anos [risos].

L.D. - Então.

L.R. - Mas a... Bebiam bastante sim, desde que... Cada um tinha um... Meu pai morreu com trinta e nove anos doente. A minha mãe é forte. Morreu com sessenta, de câncer no fígado.

L.D. - O remo no Rio Grande do Sul era conhecido no Brasil, era muito respeitado?

L.R. - No Rio, naquela época, era mais forte do que nós e nossa... [problema na fita] Cinquenta e três anos lá, cinquenta e três anos. O que eu tenho que responder mais?

L.D. - Sim. Tinha a chegada do Fogo Simbólico, tinha o desfile da Semana da pátria, não é, que os clubes participavam. Do remo era só os...

L.R. - Participavam.

L.D. - Era só o remo como esporte que participava assim?

L.R. - Não era só o remo, não. Do remo eram muitos, eu inclusive, fui várias vezes no Fogo Simbólico tudo começou [problema na fita].

L.D. - É, o problema na fita ali foi a parte do desfile e do Fogo Simbólico que o senhor Luís Rovinski disse que não era só o remo que participava.

L.M. - Isso.

L.R. - Como pertencente ao programa, tinha os clubes de remo, todos. Como era o Túlio de Rose que promovia mais aí... Os elogios iam muito também.

L.D. - O Júlio de Castilhos. É... Eu queria perguntar pro senhor sobre a técnica, tipo...

L.R. - Um pouquinho antes eu queria, se não vou acabar me esquecendo de novo.

L.D. - Sim.

L.R. - Isso aqui era no tempo que eu era presidente da Federação. O União nunca votou em mim. Por duas vezes eu pedi e o União não votava em mim. Então eu escrevi uma carta pra eles, para o União. Armínio Paulo Benki<sup>43</sup>, para saber porque eles não votaram em mim. Ele me mandou uma carta dizendo que nunca... Pode escrever, depois eu termino.

L.D. - Não, termina. Eu vou só escrever o nome dele o senhor pode... Armínio Paulo Binki.

L.R. - Binki. Ele me mandou uma correspondência dizendo que, em última análise, era sobre uma daquelas regatas internacionais que ele envolveu a guarnição toda, mas que politicamente não reconhecia o trabalho que era feito.

L.D. - O senhor Luiz Rovinski... Eu queria saber assim da cultura se... Qual era a técnica que vocês usavam assim era do tipo...

L.R. - Do remo?

L.D. - Alemã. Olha, nós tínhamos uma técnica da Alemanha. Eu acho que não era... Não?

L.R. - Não. Eu só posso dizer aqui que nossa técnica não era das piores, mas também tinha a "Five". Quem tinha a melhor técnica eram os ingleses. Tinha a melhor técnica e depois... É, a nossa era um pouco de cada uma.

L.D. – Particularmente, não acho que nossa técnica era melhor, mas não era tão ruim.

L.R. - Não era. Na média, é.

L.D. - O senhor se lembra... Cada clube tinha um regulamento pra sócios assim.

L.R. - Sim. Obviamente sim.

L.D. - O senhor se lembra de um. O que cada clube exigia da pessoa que estava se associando no Barroso na casa? O que o Barroso exigia?

L.R. - Sócio comum ou como remador.

L.D. - Como remador.

L.R. – Olha, eu sei que, quando eu entrei pro clube, embora eu remasse... Eu até 1946 quando fui laureado, depois não precisei pagar mais, usava aliança. Eu pagava mensalidade, não é. A mensalidade eu era obrigado a pagar. Não existia nenhuma exigência forte, só não podia fumar.

L.D. - Não podia fumar?

L.R. – Não, fumar não. Se a pessoa fumava, já podia ficar em casa. Nem adiantava mim... Me lembro de um cara que se sucedeu lá no Vasco da Gama no Rio. Um rapaz quis entrar no clube pra remar. E no Vasco da Gama e já entrou com o cigarro na boca. Não, mas eu deixo de fumar. Ele não aceitava isso.

L.D. - E na Alemanha, no Almirante Barroso também tinha essa experiência.

L.R. - Olha eu tinha a impressão, não sei se havia essa exigência, mas era normal. Era costume. É que ninguém fumava mesmo. Eu não conheço ninguém dos remadores do meu tempo que remasse, que fumasse. Só em poucas palavras, era um esporte que exigia muita

---

<sup>43</sup> Nome sujeito a confirmação

dedicação. Meu clube, por exemplo, ninguém ganhava nada. Esse é... Esse eu já não remava [mostra fotos]. Mais uma coisa que me constrange muito sabe o que é?

L.D. – Hum?

L.R. - Eu vejo, na maior parte das vezes, se tem um vivo é muito porque os outros já se foram. Esse aqui ainda está vivo aqui. Esse que ganhou, está com oitenta e... Oitenta e sete anos. Eu estava ontem mostrando para minha senhora, não. Todo mundo morreu [riso]

L.D. - Eu queria agradecer a entrevista novamente, senhor Luiz Rovinski. A sua atenção. O senhor é uma pessoa muito... Sabe muito e, as duas entrevistas que o senhor deu para gente, foram muito, muito ricas. A gente gostou muito de entrevistar o senhor e eu espero que a gente possa voltar e o senhor possa visitar o Centro de Memória<sup>44</sup>.

L.R. - Vou sim.

L.D. - Que a gente vai estar lá de portas abertas esperando o senhor.

L.R. - Bom com essas suas palavras... Eu estou lhe respondendo porque eu praticava esporte. Porque eu gostava. Eu sempre me metia em alguma coisa. As pessoas que admiravam a gente e, nesta ocasião, quando fui solicitado a dizer alguma coisa que eu conheci, eu tenho condições de saber. Então é essa resposta que eu dou pra ti, porque eu gostava de esporte, que eu conheci muita coisa. Eu recebi agora um amigo me mandou [mostra foto] é o Júlio de Castilhos<sup>45</sup> aqui. Olha, ele era presidente da Liga Nacional e eu sempre achava que essa fotografia desapareceu com alguém. No tempo do Fogo Simbólico, ele fazia parte e entregaram pro Barroso e o Barroso perdeu.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>44</sup> Centro de Memória do Esporte (CEME)

<sup>45</sup> Nome sujeito a confirmação